

# Pier Paolo Pasolini: versos cinematográficos, por Mariarosaria Fabris

*Literatura Italiana Traduzida* ISSN 2675-4363 MARIAROSARIA FABRIS PIER PAOLO PASOLINI TRADUÇÃO em junho 30, 2020

Tradução de fragmento extraído de *Poeta delle ceneri* (1966-67). O “poema bio-bibliográfico, como o próprio Pasolini o definiu, foi publicado no número de julho-dezembro de 1980 da revista *Nuovi argomenti*, integrando depois o volume *Bestemmia. Tutte le poesie* (Milão: Garzanti, 1993). O trecho selecionado pode ser considerado o argumento do filme *Teorema* e o fio condutor do romance publicado sob o mesmo título, ambos de 1968. [1] Tradução dedicada a Flavio Kactuz, em agradecimento pela indicação.



Cartaz do filme e capa do livro

Quanto alle mie opere future, ...  
vedrai un giovane arrivare un giorno  
in una bella casa  
dove un padre, una madre, un figlio e una figlia,  
vivono da ricchi, in uno stato che non critica se stesso,

quasi fosse un tutto, la vita pura e semplice;  
c'è anche una serva (di paesi sottoproletari); viene,  
il giovane,  
bello come un americano,  
e subito, per prima, la serva si innamora di lui,  
e si tira su le sottane. Egli le dà la dolce  
pesante rabbia del suo membro. S'innamora, poi,  
di lui, il figlio; dormono i due, nella stessa camera  
del ragazzo, coi resti dell'infanzia; ed anche al figlio  
egli dona il suo membro di seta, più adulto e potente;  
e lo stesso dono, accondiscendente e generoso,  
perché egli è colui che dà, egli farà alla madre,  
adoratrice delle sue vesti, i calzoni, la maglietta,  
gli slip, lasciati in uno chalet  
in un caldo giorno d'estate, sul Tirreno;  
e ancora lo stesso dono egli farà al padre, divenendo  
padre del padre – poiché egli, con ambigua dolcezza materna,  
è, per nome, padre –  
al padre svegliato all'alba  
da un dolore che lo taglia a metà,  
alla pancia, e scopre, alzandosi per andare in bagno  
la bellezza muta delle quattro del mattino  
col sole già radioso... e scoprirà il suo amore  
con la stessa meraviglia,

con cui ha scoperto quel sole:

un amore come quello di Ilja Ilic per il suo servo

contadino e ragazzo; ma cosciente, e drammatico

perché egli il vecchio industriale con la faccia

di Orson Welles, è un piccolo borghese, e drammatizza tutto.

Lo stesso dono del membro, durante le ore

della malattia del padre – e prima che al padre –

egli farà alla figlia quattordicenne, innamorata

di suo padre, e che lo scopre, il giovane tutto amore,

attraverso gli occhi innamorati, appunto, del padre. Poi

il giovane se ne va:

la strada in fondo a cui scomparire

resta deserta per sempre.

E ognuno, nell'attesa, nel ricordo,

come apostolo di un Cristo non crocefisso ma perduto,

ha la sua sorte.

È un teorema:

e ogni sorte è una conseguenza.

Le sorti sono quelle che sai,

quelle del mondo dove tu col tuo antipatico

sorriso anticomunista, e io col mio infantile odio

antiborghese, siamo fratelli:

ne sappiamo tutto!

Come prende una nevrosi d'ansia

e come una piccola vittima femmina di quattordici anni,  
finisca nel letto di una clinica,  
coi pugni così chiusi che nemmeno uno scalpello  
potrebbe scolarli,  
come un ragazzo parli tra sé come un matto  
dipingendo e inventando nuove tecniche,  
fino a diventare  
un Giacometti, un Bacon,  
con lo spettacolo dei suoi spettri figurativi  
simboli della tragedia del mondo in un'anima malata  
maleodorante del livore meschino del male; come  
una donna di mezza età, bella ancora, e curata,  
non sappia dimenticare il Cristo della Chiesa  
e insieme, una volta perduta,  
non sappia resistere al desiderio di perdersi, ancora,  
e così viva tra ragazzi facili e angosce cristiane;  
e come infine un padre  
che aveva confuso la vita con il possesso,  
una volta posseduto,  
perda la vita, la butti via: doni cioè il suo possesso  
– una fabbrica alla periferia della grande città –  
ai suoi operai; e si perda nel deserto,  
come gli Ebrei.  
Casi di coscienza, tutti questi.

Ma la serva diventa, invece, una santa matta,  
va nel cortile della sua vecchia casa sottoproletaria,  
tace, prega, e fa miracoli,  
guarisce gente,  
mangia ortiche soltanto, finché i capelli le divengono verdi,  
e infine, per morire,  
si fa seppellire piangendo da una scavatrice,  
e le sue lacrime rampollando dal fango  
divengono una fonte miracolosa.

Prima del Padre e della Madre,  
nel paradiso terrestre, c'era un Primo Padre,  
è nella sua intimità che, primamente, siamo vissuti.

Ma poi, l'importante è stato l'amore della madre  
con cui ci siamo identificati  
perché non possiamo vivere  
se non identificandoci con qualcuno. Non possiamo, quindi,  
concepire amore che non abbia la dolcezza materna.

Quel primo Padre ha così dolcezza di Madre.

Ma in una famiglia borghese  
egli non è più in grado  
che di scatenare drammi morali.

La religione, la religione del rapporto diretto con Dio  
è ancora nel mondo anteriore a quello borghese.

Gli operai stanno a guardare. [2]



*uma cena do filme  
Teorema*

Quanto às minhas obras futuras, ...  
você verá um jovem um dia chegar  
numa linda casa  
onde um pai, uma mãe, um filho e uma filha  
vivem como ricos, num estado que não critica a si mesmo,  
como se fosse um todo, a vida pura e simples;  
ainda há a serviçal (de aldeias lumpemproletárias); vem  
o jovem,  
lindo como um americano,  
e a serviçal é a primeira a apaixonar-se por ele,  
e arregaçar as saias. Ele oferece a doce,  
pesada raiva de seu membro. Apaixona-se, então,  
por ele, o filho; dormem os dois, no mesmo cômodo  
do rapaz, com restos da infância; e já ao filho  
oferece seu membro de seda, mais adulto e potente;

e a mesma prenda, condescendente e generoso,  
por ser ele o que doa, oferecerá à mãe,  
adoradora de seus trajes, as calças, a camiseta,  
a sunga, esquecidos num chalê  
num dia quente de verão, no Tirreno;  
e a mesma prenda ainda oferecerá ao pai, tornando-se  
pai do pai – porque ele, com ambígua doçura materna,  
é, por nome, pai –  
ao pai que ao alvorecer  
acorda dobrado em dois por uma dor,  
na barriga, e descobre, ao levantar para ir ao banheiro,  
a beleza muda das quatro da manhã  
com o sol já radioso... descobrindo seu amor  
com a mesma maravilha  
com que descobriu esse sol:  
um amor como o de Ilia Ilich [3] pelo serviçal  
camponês e garoto; mas consciente, e dramático  
porque ele, o velho industrial com cara  
de Orson Welles, é um pequeno-burguês, e dramatiza tudo.  
A mesma oferta do membro, nos momentos  
da doença do pai – e antes do que ao pai –  
ele fará à filha de catorze anos, apaixonada  
pelo pai, e que o descobre, o jovem só amor,  
pelos olhos apaixonados, logo, do pai. Depois

o jovem vai embora:

a estrada pela qual ele some

fica deserta para sempre.

E cada um, à espera, na lembrança,

qual apóstolo de um Cristo não crucificado mas perdido,

tem seu destino.

É um teorema:

cada destino é uma consequência.

Destinos que você conhece,

os do mundo onde você com seu antipático

sorriso anticomunista, e eu com meu infantil ódio

antiburguês, somos irmãos:

dele tudo sabemos!

Como se instale uma ansiedade neurótica

e como uma pequena vítima feminina de catorze anos

acabe no leito de uma clínica,

de punhos tão fechados que nem mesmo um escalpelo

poderia descerrar, como um rapaz fale sozinho feito um louco

pintando e inventando novas técnicas

até tornar-se

um Giacometti, um Bacon,

com o espetáculo de seus espectros figurativos

símbolos da tragédia do mundo numa alma adoentada

malcheirosa do livor mesquinho do mal; como



uma mulher de meia-idade, ainda bela, e cuidada,  
não saiba esquecer o Cristo da Igreja  
e ao mesmo tempo, já perdida,  
não saiba resistir ao desejo de se perder, de novo,  
e assim viva entre garotos fáceis e angústias cristãs;  
e como por fim um pai  
que havia confundido a vida com a posse,  
uma vez possuído,  
perca a vida, a jogue fora: isto é, doe sua posse  
– uma fábrica na periferia da grande cidade –  
a seus operários; e se perca no deserto,  
como os Hebreus.

Casos de consciência, todos eles.

A serviçal, porém, se torna uma santa doida,  
lá no quintal de sua velha casa lumpemproletária,  
fica muda, reza, faz milagres,  
sara as pessoas,  
come urtigas tão somente, até seu cabelo ficar verde,  
e por fim, para morrer,  
deixa que a enterre, chorando, uma escavadeira,  
e suas lágrimas irrompendo da lama  
se tornam uma fonte milagrosa.

Antes do Pai e da Mãe,  
no paraíso terrestre, havia um Primeiro Pai,

é com sua intimidade que, primeiramente, privamos.  
Mas depois, o importante foi o amor da mãe  
com quem nos identificamos  
porque podemos viver  
só nos identificando com alguém. Não podemos, por isso,  
conceber amor que não tenha a doçura materna.  
Esse primeiro Pai tem assim doçura de Mãe.  
Mas numa família burguesa  
ele é apenas capaz  
de desencadear dramas morais.  
A religião, a religião da relação direta com Deus  
ainda está no mundo anterior ao burguês.  
Os operários ficam à espreita.

---

[1] Esboçada em 1966, *Teorema*, deveria ter sido uma das sete tragédias que Pasolini escreveu na segunda metade dos anos 1960 – *Orgia* (1966-1968), *Pilade* (1966-1967), *Affabulazione* (1966-1969), *Bestia da stile* (1966-1975), *Porcile* (1967-1968) e *Calderón* (1967-1973) – mas, de peça (inédita), se transformou no exíguo roteiro cinematográfico homônimo e, depois, em livro. Cf. FABRIS, Mariarosaria. “Pier Paolo Pasolini e o teatro: uma introdução”. In: *Anais do XXIV Encontro Estadual de História da Anpuh-SP*. São Paulo: Anpuh, 2018, p. 1 [recurso eletrônico].

[2] PASOLINI, Pier Paolo. “Poeta delle ceneri”. In: *Album Pasolini*. Milão: Mondadori, 2005, p. 166-167, 170-171.

[3] Ilia Ilich Teléguine é um dos personagens do drama *Tio Vânia* (1897), de Anton Tchékhov: fazendeiro arruinado, vive como agregado na propriedade rural da família Serebriákov.